

RODAS DE LEITURA COMO PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO PIBID, DA UFCG CAMPUS CAJAZEIRAS-PB

Cirlândia Kallydia Pereira Araújo¹; Ana Lívia Nicolau Soares²; Cláudia Rodrigues de Albuquerque³; Giseliene Medeiros Lima⁴ e Marina Batista Santana⁵

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras-PB, Brasil. cirlandiakallydiaa@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Campina Grande - UFCG, campus Cajazeiras-PB, Brasil. analivianicolau779@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Campina Grande - UFCG, campus Cajazeiras-PB, Brasil. claudiaalbuquerque123@gmail.com

⁴ Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG. CFP/UAE, campus Cajazeiras-PB, Brasil. [giseliene.medeiros@professor.ufcg.edu](mailto:giseliane.medeiros@professor.ufcg.edu)

⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade federal de Campina Grande - UFCG, campus Cajazeiras-PB, Brasil. marinabatista962@gmail.com

RESUMO

O artigo discute a articulação entre alfabetização e letramento nos anos iniciais, com base nas contribuições de Magda Soares e Paulo Freire, defendendo que ambos devem ocorrer de forma integrada, unindo o ensino do sistema de escrita às práticas sociais de leitura. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir de experiências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras-PB, por meio de rodas de leitura realizadas nos anos iniciais. Os resultados indicam que essa prática contribuiu para o desenvolvimento da oralidade, da compreensão leitora e do uso social da leitura e da escrita, além de fortalecer a formação docente dos pibidianos.

Palavras-Chave: Alfabetização. Rodas de leitura. PIBID.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos em alfabetização e letramento, reconhecemos que há uma assimetria entre ambos, a qual, no processo de alfabetização, muitas vezes não é devidamente considerada. O letramento constitui um domínio avançado da alfabetização, não superior, pois ambos são processos inerentes e indissociáveis. Dessa forma, para uma leitura de mundo eficaz, alfabetização e letramento devem ser construídos de maneira articulada no processo educativo dos educandos da Educação Básica.

A leitura exerce papel fundamental no desenvolvimento das práticas de alfabetização e letramento, uma vez que amplia a compreensão, a interpretação e a capacidade de atribuir

sentidos aos textos e à realidade. À medida que o educando se envolve em práticas constantes de leitura, amplia suas habilidades linguísticas e cognitivas, tornando esse processo mais significativo e efetivo.

Nesse contexto, as rodas de leitura configuram-se como uma prática pedagógica potente no processo de alfabetização e letramento, contribuindo para o desenvolvimento da oralidade, da leitura de mundo, da interpretação e da construção de sentidos. Considerando que a escola é um espaço social, torna-se indispensável preparar os educandos para os diferentes contextos sociais que fazem parte do cotidiano, os quais exigem a compreensão e a significação do mundo que os cerca.

Diante disso, este estudo parte do seguinte problema de pesquisa: como as rodas de leitura desenvolvidas no âmbito do PIBID contribuem para os processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O presente artigo, elaborado a partir das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no contexto da UFCG, em Cajazeiras-PB, tem como objetivo geral analisar de que maneira as rodas de leitura desenvolvidas no âmbito do PIBID contribuem para os processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como objetivos específicos, busca-se: compreender os conceitos de alfabetização e letramento a partir das contribuições teóricas de Magda Soares; identificar as contribuições das rodas de leitura para o desenvolvimento das práticas de leitura das crianças, a partir das experiências vivenciadas no PIBID da UFCG em Cajazeiras-PB; e refletir sobre o papel do pibidiano como mediador do processo de alfabetização e letramento durante as rodas de leitura.

A experiência relatada foi desenvolvida em uma escola estadual localizada no município de Cajazeiras-PB, durante os plantões pedagógicos, com o intuito de compartilhar vivências docentes com estudantes de licenciatura ainda em formação, contribuindo para a articulação entre teoria e prática no contexto da sala de aula.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, sendo construída a partir de experiências práticas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O estudo foi realizado em uma escola estadual localizada no município de Cajazeiras-PB, envolvendo crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como bolsistas participantes do referido programa.

Para a realização das rodas de leitura, foram elaborados planejamentos pedagógicos com o objetivo de contribuir de forma significativa para os processos de alfabetização e letramento. Durante o desenvolvimento das atividades, foram realizadas observações no contexto escolar, considerando aspectos relevantes relacionados aos comportamentos, às interações dos alunos e aos resultados alcançados.

O presente artigo fundamenta-se em aportes teóricos de autores que discutem a alfabetização, o letramento e as práticas pedagógicas no contexto escolar, tais como Paulo Freire (2014), ao ressaltar a relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra; Magda Soares (2004), ao abordar os conceitos de alfabetização e letramento; Queiroz (2025), ao discutir a influência das práticas pedagógicas no desenvolvimento da oralidade das crianças; Fontana (2013) que defende a relação entre teoria e prática e Pinto (2010), que defende o papel do lúdico no processo de aprendizagem.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DE MAGDA SOARES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

A alfabetização e o letramento nos anos iniciais precisam caminhar juntos em um processo contínuo no desenvolvimento infantil. Quando a criança entra na escola é importante que ela esteja engajada tanto na alfabetização quanto letramento, através de estímulos a oralidade, na medida em que elas crescem, percebem que tudo ao seu redor tem um significado e iniciam assim o processo de leitura de mundo, na qual começam a interpretar a realidade em que vivem e atribuir sentido ao que aprendem na escola, para isso acontecer é necessário que a alfabetização e o letramentos estejam conectados, como afirma Soares:

É necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (2004, p.97)

Nesse sentido, é de fundamental importância rodas de leitura que estimulem e desenvolvam as práticas sociais de leitura e escrita, levando em consideração que a criança já possui uma base de conhecimentos de mundo que deve ser estimulada e aprimorada, para a aquisição da escrita. Nesse viés, Paulo Freire (1981, p 12) destaca em uma de suas falas que com uma determinada professora, “com ela, a leitura da palavra foi a leitura do “palavra-mundo”. Com isso, entendemos que a leitura da palavra está diretamente ligada à leitura do

mundo, então o professor não pode distanciar-se em sua prática, pois antes mesmo de aprender a ler textos escritos, o indivíduo já interpreta a realidade em que vive, portanto, o professor deve ensinar que ao compreender a palavra escrita, devemos compreender também o contexto social, cultural e histórica em que ela está inserida.

Nessa perspectiva, a autora distingue alfabetização de letramento, tendo em vista que são diferentes, mas que uma complementa a outra, pois:

É necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. (SOARES, 2004, p. 97)

Assim, a alfabetização refere-se ao processo de aprender o sistema de escrita, como as letras, os sons, as sílabas e aprender a ler a escrever de acordo com as regras da língua, já o letramento, diz respeito ao uso social da leitura e da escrita, ou seja, saber quando, como e para que ler e escrever em diferentes situações do dia a dia, como por exemplo escrever um bilhete e interpretar uma notícia. Nesse sentido, os educandos além de serem alfabetizados precisam ser letrados, pois se souberem ler e escrever, mas não souberem usar as habilidades de maneira eficaz nas situações sociais, não terão muito êxito.

Nesse sentido, alfabetização e letramento são processos distintos em termos conceituais, mas inseparáveis na prática pedagógica. Ensinar apenas o código, de forma mecânica e desse contexto alisada, não garante a formação de leitores e escritores competentes, pois, é necessário integrar o ensino do sistema de escrita as práticas sociais de leitura e produção textual, permitindo que o aprendiz compreenda tanto o funcionamento quanto à função social da escrita. Dessa forma, como afirma Soares (2004, p. 100) sobre a necessidade de “alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita”, assim, uma prática pedagógica que alfabetize letrando, ou seja, que vá além do ensino do código da escrita, mas que possibilite aos alunos uso social da leitura e da escrita em diferentes contextos. Lembrando sempre que a leitura do mundo parece ser a leitura da palavra e que para que seja realizada, devemos considerar os conhecimentos prévios dos educandos e relacionar os conteúdos escolares com a realidade de cada aluno.

Desse modo, é necessário que nos anos iniciais do ensino fundamental a sala de aula seja um ambiente alfabetizador com diversos materiais que ajudam as crianças a perceberem

que a escrita e a leitura existe em seu mundo e que tem significado, perceber as representações, letras, palavras, signos estão presentes na sua vida. Portanto, envolver atividades no cotidiano escolar das crianças que trabalhem as práticas sociais das crianças é alfabetizar letrando, trata-se de ensinar a criança a usar o que ela sabe na vida cotidiana, já que a criança aprende a ler e escrever por meio das experiências, o que evidencia que a escrita e a leitura se desenvolvem para além da escola.

CONTRIBUIÇÕES DAS RODAS DE LEITURA NO CONTEXTO DO PIBID PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA

O desenvolvimento das práticas de leitura das crianças tem sido um dos grandes desafios da escola, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, as experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no campus de Cajazeiras-PB, possibilitaram a implementação de rodas de leitura como uma estratégia pedagógica voltada à aproximação das crianças com o texto escrito. Essas rodas foram pensadas não apenas como um momento de leitura em voz alta, mas como um espaço de escuta, diálogo e construção coletiva de sentidos, no qual as crianças puderam expressar opiniões, compartilhar vivências e estabelecer relações entre o texto e o seu cotidiano, permitindo também a ampliação do vocabulário e fortalecendo o processo de alfabetização e letramento.

Freire (2014) afirma que “No campo da teoria da alfabetização, nada é mais importante do que olhar e olhar novamente para o papel de uma percepção do perceber, de pensar sobre o pensamento, de interpretar nossas interpretações” (p.07). Nessa perspectiva, torna-se fundamental assumir uma postura constantemente reflexiva diante da prática pedagógica. Ao afirmar que é preciso “olhar e olhar novamente”, Freire destaca que alfabetizar não se resume à aplicação de métodos ou atividades prontas, mas exige um movimento contínuo de observação, análise e revisão de ações. No contexto das rodas de leitura, isso significa estar atento às interpretações que as crianças constroem, às hipóteses que levantam e às interações que estabelecem.

Nesse sentido, as rodas de leitura desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foram planejadas com intencionalidade, buscando criar um ambiente favorável à interação das crianças com os textos literários e sua diversidade. Conforme aponta Pinto (2010)

Por meio do lúdico, a criança canaliza suas energias, vence suas dificuldades, modifica sua realidade, propicia condições de liberação da fantasia e a transforma em uma grande fonte de prazer. E isso não está apenas no ato de brincar, está no ato de ler, no apropriar-se da literatura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. (p.06)

Quando se amplia essa compreensão para o ato de ler, é estabelecida uma relação fundamental entre ludicidade e literatura. A leitura, especialmente no contexto da infância, não deve ser concebida apenas como decodificação de palavras, mas como experiência estética, imaginativa e significativa. Assim como na brincadeira, ao se apropriar da literatura, a criança exercita a fantasia, constrói sentidos e amplia sua compreensão da realidade.

Nessa perspectiva, a contação de histórias é essencial para a aprendizagem da criança e para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, a história contada permite interação entre contador e ouvintes e propicia vivências compartilhadas, estimulando a criatividade e oralidade, como salienta Queiroz (2025):

A contação de histórias se constitui como um dos eixos mais provocativos, férteis e indispensáveis para nossas práticas pedagógicas, seja na EI, seja nos anos iniciais do EF. Afinal, essa é uma prática eivada de curiosidade, que estimula a imaginação dos/as pequenos/as, capaz de apresentar as mais diversas sensações, sentimentos e emoções às crianças. Sonho, fantasia e imaginação se juntam para que as crianças possam resolver seus conflitos emocionais, a se reorganizarem sensorialmente, a desenvolver a autonomia e a manifestar os seus pensamentos. (p.0 5)

Dessa forma, a contação de história para crianças nas rodas de leitura, impulsiona a aprendizagem delas, pois, o pibidiano como mediador, ao abordar metodologia que permitam o engajamento da criança, mobiliza a criatividade, imaginação, criando possibilidades para a criança se tornar papel fundamental do seu processo de aprendizagem. Assim, a contação de história, enquanto prática lúdica, contribui significativamente para o desenvolvimento da oralidade, autonomia e pensamento crítico, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e integral.

Para trabalhar o desenvolvimento da oralidade com crianças, o professor deve pensar maneiras de conectar a prática da oralidade ao lúdico, para potencializar o momento e possibilitar que a criança interaja e aprenda, como nos mostra os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinarem-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas (Brasil, 1997, p. 49).

Assim, é essencial que, durante a prática de atividades de oralidade, as interações e falas das crianças sejam consideradas, pois é a partir das narrativas das crianças que o professor poderá mediar suas aulas e as crianças construirão sua identidade e dar significado às suas experiências. Nesse sentido, cabe ao professor orientá-los de acordo com suas especificidades e individualidades, para possibilitar que a aprendizagem das crianças tenha significado.

O PAPEL DO PIBIDIANO COMO MEDIADOR DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO NAS RODAS DE LEITURA

No contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), refletir sobre o papel do pibidiano como mediador do processo de alfabetização e letramento nas rodas de leitura implica compreender que sua atuação vai muito além do simples ato de ler histórias para as crianças. O licenciando assume uma função formativa essencial, articulando teoria e prática a partir dos conceitos de alfabetização e letramento.

Como afirma Magda Soares (2004), “alfabetizar é ensinar o sistema de escrita alfabética; letrar é inserir o indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita”. A partir dessa concepção, entende-se que o papel do pibidiano, nas rodas de leitura, é o de mediador entre o texto e a criança. Essa mediação não se restringe à decodificação de palavras, mas envolve atribuir sentido à leitura, instigar a curiosidade, levantar hipóteses, explorar imagens, discutir personagens e relacionar a narrativa às vivências dos estudantes, considerando suas diferentes realidades. Assim, a leitura deixa de ser uma atividade mecânica e passa a constituir-se como um momento de construção coletiva de significados. Sendo assim, entende-se que:

não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. (DE SOUSA, 2017, p. 2017)

Outrossim, o princípio do alfabetizar letrando contribui para despertar o interesse da criança pelo ato de ler, favorecendo sua disposição e engajamento nas atividades propostas. Isso ocorre porque integra o sistema de escrita às situações reais de uso da linguagem no cotidiano. Tais situações podem ser exploradas por meio de diferentes gêneros textuais, como bilhetes, parlendas, notícias, receitas, convites e até mensagens de texto, permitindo que o educando compreenda a função social da leitura e da escrita. Dessa forma, atribui sentido ao

que aprende e percebe a importância de “ler o mundo” para além da palavra escrita. Como afirma Coscarelli (2007, *apud* BAKHTIN, 2003)

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (p. 285)

Nessa perspectiva, estabelece-se um diálogo com o pensamento de Freire (2022), ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Tal concepção evidencia que o processo de aprendizagem da leitura deve partir das experiências, vivências e conhecimentos prévios da criança, tornando o ato de ler uma prática contextualizada e significativa. Assim, ao vivenciar práticas de leitura que dialogam com sua realidade como ocorre nas rodas de leitura, o aluno sente-se mais motivado, e esse engajamento não se dá apenas por exigência escolar, mas pelo prazer e pela curiosidade despertados pelo contato significativo com os textos, favorecendo a formação de leitores autônomos e críticos.

Cabe ao pibidiano, em articulação com o professor regente, conhecer os educandos e acompanhar seus diferentes níveis de compreensão, hipóteses de escrita, dificuldades e avanços, ajustando suas intervenções conforme as necessidades observadas. Essa vivência fortalece sua capacidade de mediação e o prepara para lidar com a diversidade presente no contexto escolar.

Além disso, essa postura contribui para a construção de um ambiente acolhedor e participativo, no qual as crianças se sentem seguras para expressar opiniões e levantar hipóteses sobre o texto. A roda de leitura configura-se, nesse sentido, como um espaço democrático de troca de saberes, no qual o pibidiano favorece o diálogo, incentiva a participação e valoriza cada contribuição. Siqueira (2006) afirma que:

A rede de apoio social e afetivo define como o indivíduo percebe seu mundo social, como se orienta nele, suas estratégias e competências para estabelecer relações, como também os recursos que este lhe oportuniza frente às situações adversas que se apresentam. (p.72)

Essa experiência amplia a compreensão sobre a importância da afetividade no processo de alfabetização e letramento, evidenciando que ensinar também envolve criar vínculos, estimular a confiança e promover o protagonismo infantil.

No contexto dessa atuação, é perceptível que o processo de ensino e aprendizagem é mútuo. Ao mediar rodas de leitura, o pibidiano não apenas contribui para o desenvolvimento das crianças, mas também constrói sua própria identidade docente de maneira crítica e reflexiva. Iza (2014) destaca que:

Os estagiários levam “novidades” à escola, que os professores--colaboradores consideram como um tipo de “atualização” de seu trabalho, além do constante contato com a Universidade, o qual os docentes tomam como positivo; sendo que esses pontos influenciam tanto a identidade do professor em formação, quanto dos professores experientes. (p.08)

Ao planejar os encontros, selecionar leituras adequadas à faixa etária e livres de estereótipos, organizar o espaço, elaborar questionamentos pertinentes e valorizar a escuta das crianças, o licenciando desenvolve intencionalidade pedagógica e sensibilidade diante das necessidades do grupo.

Outro aspecto relevante para a formação do educador refere-se à reflexão crítica sobre a prática. Inserido no cotidiano escolar, o pibidiano tem a oportunidade de analisar o que funcionou, o que precisa ser revisto e quais estratégias promoveram maior participação. Ao articular teoria e experiência concreta, o licenciando desenvolve autonomia profissional e consciência de seu papel social. Dessa forma Fontana (2013) defende que:

O docente como profissional reflexivo não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem. Dessa forma, fica evidente a necessidade de adequar as teorias utilizadas em sala de aula com a realidade e a necessidade dos educandos, e não basear-se em teorias que nada têm a ver com os aprendizes. (p.03)

Assim, compreende que ensinar a ler não se limita à decodificação de palavras, mas implica formar sujeitos capazes de interpretar o mundo e participar ativamente da sociedade.

Por fim, a atuação nas rodas de leitura fortalece a relação entre universidade e escola, princípio fundamental do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. O pibidiano leva à escola os estudos discutidos na formação acadêmica e retorna à universidade com experiências concretas que enriquecem sua reflexão. Esse movimento de troca contribui para uma formação mais crítica, prática e comprometida com a realidade educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, concluímos que rodas de leitura como prática de alfabetização e letramento tem tido grande impacto no desenvolvimento das crianças, tendo a leitura não só como codificação de palavras, mas ampliando aspectos críticos e autonomia, influenciando também o papel do pibidiano em sala de aula, no seu crescimento e autonomia como futuro educador, norteando sua construção docente.

Por conseguinte, alfabetizar letrando estimula o educando ao interesse em leitura e ao engajamento na busca de novos conhecimentos, expandindo o vocabulário, oralidade, afiar a escrita, compreensão e interpretação profunda, desenvolvendo senso crítico, despertando a imaginação e criatividade, aspectos esses que foram observados e perceptíveis durante as propostas aplicadas, sendo elas indispensáveis para a formação integral dos educandos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, vol. 3, 1997

COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. **Revista Veredas, Juiz de Fora**, n. 2, p. 78-86, 2007.

DE QUEIROZ, Micaelly Fonseca; GURGEL, Evanilson. **A influência das práticas pedagógicas no desenvolvimento da oralidade das crianças: o que nos revela a literatura acadêmica?**. **Revista Teias**, v. 26, n. 83, 2025.

DE SOUZA, Renata Junqueira. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **PEDAGOGIA**, p. 205, 2017.

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 8, n. 17, 2013.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez editora, 2022.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto et al. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista eletrônica de educação**, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. **O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender**. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.